

CLIPPING

16 de Junho de 2019
O Liberal – Atualidades, 09

ESTATÍSTICA - Mais de 50 milhões de pessoas vivem com demência, em todo o mundo, segundo dados da OMS, que crescem a cada ano

DA REDAÇÃO
Cleide Magalhães

Mais de 50 milhões de pessoas em todo o mundo vivem com demência, e a cada ano são registrados quase dez milhões de novos casos. A estimativa da Organização Mundial de Saúde é que 152 milhões de pessoas serão afetadas até 2050. Estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que no Brasil surgem 100 mil novos casos a cada ano. Pesquisas indicam a prevalência de 10% a 15% de doença de Alzheimer em pessoas maiores de 60 anos. Aos 85 anos, o índice chega a 50%.

No Pará, os dados para Alzheimer não são precisos, porque a doença não é de notificação obrigatória, segundo informa a

as chaves de casa, procuramos ajuda médica. O médico não entrou logo com medicação e investigou a memória dela durante três anos, para confirmar o diagnóstico leve de Alzheimer. Com exceção do controle da medicação, hoje minha mãe faz as coisas dela sozinha, mas sempre com orientação da família e da cuidadora por conta do esquecimento. Lidar com o esquecimento das coisas e do tempo é a

Amor e ausência de pressa facilitam o trato no ambiente familiar de pessoas com demência

maior dificuldade da do-

“As demências estão associadas à alteração de pelo menos uma das funções cognitivas, que é a linguagem, o reconhecimento das coisas e objetos em que toque, enxergue ou ouça e as funções que são executivas, que dependem de uma atividade intelectual ou abstrata bastante superior em que precisa ter conhecimento técnico e habilidade para desenvolver e ter a função de execução de forma cognitiva. De modo geral, com um tempo, vai degradando o desempenho social e profissional”, explicou o especialista.

As doenças irreversíveis são aquelas que a ciência e a medicina ainda não conseguem alterar seu curso natural. “Elas têm caráter progressivo de piora ao longo do tempo e possuem predisposição individual ge-

Secretaria de Estado de Saúde (Sespa). Todavia, chegam nas unidades de referências do Estado cerca de mil idosos por mês para tratamento de Alzheimer e Parkinson. Há seis anos, depois que o esquecimento e a perda do tempo se tornaram frequentes no cotidiano de Raimunda Lavareda, de 80 anos, a família dela resolveu levá-la ao geriatra para investigar o problema. Três anos mais tarde, veio a confirmação do diagnóstico de Alzheimer.

“Desde os 74 anos, ela já esquecia algumas coisas, mas quando começou a esquecer e perder

ença, mas ela é amorosa, a gente sempre tem paciência, não fazemos nada com pressa com ela, porque existe o tempo dela, isso sempre respeitamos e faz bem pra ela”, disse a filha da idosa, Caroline Lavareda, de 38 anos.

Segundo o neurologista Eric Paschoal, a demência é um grande grupo de doenças degenerativas e agrupadas nos tipos reversíveis, com destaque para a demência vascular e de Parkinson, e irreversíveis, como o Alzheimer. Mas todas elas estão associadas à degeneração dos neurônios e ao declínio da memória.

nética, e a principal delas é o Alzheimer. A ciência e a literatura médica tentam encontrar mecanismos para bloquear esses fatores genéticos e epigenéticos, que acabam determinando a progressão da doença e, mesmo intervindo, como dando medicação que bloqueie os mecanismos biomoleculares, não consegue ainda obter retorno”, afirmou Paschoal, que é coordenador da Unidade Neuromuscular Esquelética do Hospital Universitário João de Barros Barreto, vinculado ao Complexo Hospitalar da UFPA/Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares.

Leitura, exercício, sexo e dança fazem bem

Eric Paschoal atua na pesquisa dos biomarcadores sanguíneos, que busca o diagnóstico de imagem e sangue do Alzheimer e é considerada uma das novidades na literatura médica. O estudo é feito pelo Laboratório de Genética Humana e Médica da UFPA, por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

“A pesquisa busca identificar os genes predisponentes para determinado indivíduo desenvolver as demências, principalmente o Alzheimer. Alguns gatilhos genéticos são ligados e desligados em associação com a ancestralidade, que é a etnia. Os indivíduos que têm a pele clara e a origem da ancestralidade europeia possuem pré-disposição maior a desenvolver as

doenças degenerativas, como o Alzheimer. A partir disso, é possível conhecer os genes, suas mutações, e conseguir intervir por meio de drogas antidegenerativas. É isso que a ciência busca desvendar para impedir a progressão da doença, que não tem cura”, frisou o pesquisador. A pesquisa existe há oito anos e já passou pela fase dos animais, de identificação e está na validação, com painel em uma grande população. Em breve, irá permitir aos cientistas informarem a população a respeito do uso das substâncias e atividades para obter redução da progressão da doença.

“Para evitar as demências é importante ler mais, evitar o tabagismo e ter alimentação mais saudável. Além de fazer ativi-

dades físicas, sexuais e dançar, pois liberam determinadas endorfinas, que são mecanismos bloqueadores dos epigenes, os quais ativam os genes relacionados à predisposição da morte celular, do processo degenerativo”, orientou o neurologista. Os principais sinais de demência são comportamentos não adequados, como lapsos de memória, esquecer mais os fatos recentes e lembrar mais dos antigos, ter sensações de perseguição e ouvir vozes (o que pode confundir com os pacientes psiquiátricos, como a esquizofrenia). O diagnóstico pode ser, inicialmente, clínico. Para distinguir os tipos de demência, são necessários exames de imagem junto ao clínico geral, geriatra e neurologista clínico.

Pesquisa: aplicativo auxilia na recuperação

Para estudar a reabilitação cognitiva e beneficiar os pacientes idosos com Alzheimer, a Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFPA realiza o projeto de pesquisa "Memorylife: Aplicativo para reabilitação cognitiva de Idosos". Segundo Kátia Maki Omura, terapeuta ocupacional, doutora em neurociências e coordenadora do projeto, o app foi criado em 2016, mas somente agora se tornou um projeto de pesquisa desenvolvido desde 2018.

"A ideia inicial veio de uma ex-aluna da faculdade. Participamos de um edital da incubadora de empresas da UFPA. Atualmente o projeto é realizado toda segunda e quarta na faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFPA pela parte da tarde. Na prática, realizamos com os pacientes jogos do app que são 3 e 2 de

memória e 1 de raciocínio lógico", disse Omura.

Hoje são atendidos seis pacientes, mas o projeto já atendeu mais de 15 e pretende beneficiar mais pessoas. A meta é atender pelo menos 20 pacientes, que ainda têm convívio familiar e 20 institucionalizados. Eles têm de 50 a 80 anos e a maioria é do sexo feminino.

Para participar o interessado deve se apresentar com o diagnóstico fechado de Alzheimer, passar por uma avaliação cognitiva e funcional e fazer dez sessões de treino cognitivo utilizando o aplicativo, explicou a coordenadora da pesquisa.

Podem participar pessoas com diagnóstico de Alzheimer, que atendam comandos simples e que não tenham sofrido nenhum acidente vascular encefálico ou traumatismo cranioencefálico. O contato para

agendamento de participação é (91) 3201-8892.

Na rede pública de saúde, para identificar e tratar o Alzheimer e o Parkinson, a pessoa deve procurar a Unidade Básica de Saúde mais próxima. O médico habilitado faz o diagnóstico através da história clínica e de exames especializados. O Ministério da Saúde, por meio do Sistema Único de Saúde e das políticas de saúde, fornece aos usuários a medicação de alto custo usada no tratamento das doenças. O hospital referência em Alzheimer e Parkinson no Pará é o Hospital Universitário João de Barros Barreto, onde há o ambulatório de Geriatria e Gerontologia, com residência médica e multiprofissional, assim como a Fundação Hospital de Clínica Gaspar Viana e o Centro de Atenção ao Idoso (Casa do Idoso), mantido pela Secretaria de Saúde de Belém.